



## **Jogo de Damas: o jornalismo esportivo sem futebol<sup>1</sup>**

Carolina Santana de OLIVEIRA<sup>2</sup>

Franciele MARQUES<sup>3</sup>

Laudia de Oliveira BOLZAN<sup>4</sup>

Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS

Orientador: Prof. Gilson Luiz Piber da Silva<sup>5</sup>

### **Resumo**

Este artigo procura mostrar que é possível realizar jornalismo esportivo no Brasil sem falar de futebol. Tem, como base, o programa Jogo de Damas, apresentado na Radioweb Unifra. A proposta evidencia as modalidades sem o devido destaque na mídia. O Jogo de Damas é produzido e apresentado por acadêmicas do curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano (Unifra), de Santa Maria (RS). Elas falam praticamente de todos os esportes, menos futebol. Este artigo ainda aborda o jornalismo esportivo na web, a mulher no seu cenário, bem como a dinâmica do programa e seus quadros.

**Palavras-chave:** Jornalismo esportivo; Mulheres no Esporte; Jogo de Damas.

### **Introdução**

“Brasil, país do futebol”. Seria possível falar sobre jornalismo esportivo sem a paixão nacional? Foi pensando nisso e em todas as outras modalidades que foi criado o Jogo de Damas, na Radioweb Unifra – [www.radiounifra.org](http://www.radiounifra.org) -, emissora do Centro Universitário Franciscano (Unifra), de Santa Maria (RS). O objetivo não era competir com o futebol, mas criar um ambiente no qual pudesse ser discutido e debatido outros esportes de destaque local, estadual, nacional e mundial.

Neste artigo, a abordagem passa pelo jornalismo esportivo na web, as possibilidades de se fazer jornalismo esportivo sem falar de futebol e o papel da mulher no universo da área esportiva. Além disto, é apresentado o programa, bem como a sua

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 05 – Rádio, TV e Internet - do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013, em Santa Cruz do Sul (RS).

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 6º semestre do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano. E-mail: [carolinaihr@gmail.com](mailto:carolinaihr@gmail.com).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano. E-mail: [franmarques@gmail.com](mailto:franmarques@gmail.com).

<sup>4</sup> Jornalista formada pelo Centro Universitário Franciscano. E-mail: [laubolzan@gmail.com](mailto:laubolzan@gmail.com).

<sup>5</sup> Orientador do Trabalho, Jornalista, radialista e professor do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano. Doutorando em Processos Midiáticos pela Unisinos/RS. E-mail: [gpiber@gmail.com](mailto:gpiber@gmail.com).



rotina de produção, seus quadros e uma explicação de como foi feita a cobertura dos Jogos Olímpicos de Londres 2012, realizada pelas acadêmicas participantes da proposta.

### **Jornalismo esportivo na web**

Por muitos anos, os meios de comunicação dominaram a transmissão de mensagens para seus espectadores. O veículo enviava a mensagem e o receptor a recebia. Com o surgimento da internet, muitas possibilidades se abriram.

As mídias sociais podem ser compreendidas como espaços virtuais onde a troca de informações é caracterizada de maneira não hierárquica. Não existe um grande emissor que detém o poder das informações, nem existe um único meio de enviá-las. O repasse de informações ocorre de forma igual para todos, de maneira colaborativa, onde o homem é emissor e receptor ao mesmo tempo. É a comunicação muitos-para-muitos (SANTOS; NOGUEIRA, 2010, p. 6).

Na primeira fase do jornalismo on-line, as notícias eram reproduzidas no site como estavam no jornal. Colocava-se, no site, um jornal impresso na internet. Segundo Silva Jr. (2002, p. 4), “trata-se de um uso mais hermético e fiel da ideia da metáfora, seguindo muito de perto o referente preexistente como forma de manancial simbólico disponível”. Tratava-se da criação de um caminho preestabelecido no ciberespaço pelo emissor, onde o internauta não podia realizar outro caminho senão aquele.

Na segunda fase, os meios de comunicação começam a ver os recursos que a internet proporciona. Na terceira fase, o hiperlink surge para revolucionar o jeito de acessar a Internet, onde há a convergência de todas as mídias no ciberespaço. São trazidos todos os meios de comunicação já utilizados pelos jornalistas para criar uma nova linguagem para o jornalismo on-line. Nesta fase, o internauta começa a fazer o seu caminho, personalizando-o. “O uso de recursos mais intensificado hipertextuais, a convergência entre suportes diferentes (multimodalidade) e a disseminação de um mesmo produto em várias plataformas e/ou serviços informativos” (Silva Jr., 2002, p. 5).

A Web 2.0 é o que vivemos hoje, onde temos novas formas de interação e organização de informações. Momento em que o jornalista não pode ser somente o profissional que apresenta as notícias, mas também aquele que observa as tendências do público que irá receber a mensagem e interagir com ele. Assim, o jornalismo tem que se adaptar novamente, junto com os desejos de seu público. Com uma linguagem mais direta e simplificada em alguns momentos e com reportagens completas com todas as



mídias. O jornalista teve que se reinventar, ser um jornalista multimídia para atender um público que a cada dia quer algo personalizado.

Com o desejo de personalização pelo internauta, o jornalista procura novas formas de interação, muitas vezes optando pela área especializada. Para Bahia (1990 apud Lopez, 2008, p. 11), o jornalismo especializado é “o gênero do jornalismo que é destinado a cobrir determinadas temáticas, buscando atingir um público identificado com essa especificidade”.

O jornalismo esportivo surgiu no Brasil no início do século XX, onde era muito contestado. Num momento em que as informações esportivas eram bem menos interessantes do que as demais. Seu sucesso na Internet começou no ano de 2000, como explica Silva & Guimarães (2000, p. 4):

O primeiro grande site de jornalismo esportivo, com a PSN (Pan American Sports Network), canal norte-americano, que iniciava suas atividades no Brasil. Canal de TV por assinatura, o PSN “tirou” profissionais dos mais diversos veículos esportivos, desde o impresso até o radiofônico. Foi um passo importante na história do webjornalismo esportivo, em relação à concorrência pelo espaço com os demais veículos jornalísticos.

Hoje, o jornalismo esportivo na Internet é muito importante para a divulgação do esporte em tempo real. Os principais sites de esporte no Brasil têm cerca de 11 milhões de visitantes por mês. Essa foi uma das práticas de jornalismo mais aceitas pelos receptores, e a cada dia se transforma para aproximar-se ainda mais de cada indivíduo. Atualmente, o meio mais utilizado pelos sites são as redes sociais, onde ocorre a interação com o público desejado, podendo satisfazer os desejos de informação.

### **Sim, é possível jornalismo esportivo sem futebol**

Pentacampeão em Copas do Mundo e com ídolos como Pelé, Garrincha, Zico e Ronaldo, não é de se questionar que o Brasil seja considerado o país do futebol. Inúmeras foram as conquistas do esporte e que deram destaque para que a camisa verde e amarela fosse conhecida e respeitada em todo o mundo. No entanto, existem outros atletas que também defenderam as cores do nosso país e o fizeram ganhar destaque no cenário internacional.



Dentro das quadras, podemos citar a geração de ouro do vôlei brasileiro. Comandadas por Bernardinho e José Roberto Guimarães, respectivamente, as seleções masculina e feminina triunfaram. Os homens conquistaram, dentre outros títulos, o tricampeonato da Copa América, o bicampeonato das Olimpíadas, além de serem oito vezes vencedores da Liga Mundial. Entre as mulheres, o país sagrou-se tetracampeão dos Jogos Pan-americanos. Nas Olimpíadas, as meninas possuem duas medalhas de ouro e duas de bronze. No vôlei de praia, feminino e masculino, muitas duplas levaram as cores brasileiras para o alto do pódio.

Nas quadras de basquete, tivemos nomes como Magic Paula, Hortência e Oscar. Ainda podemos dizer que o tênis ganhou popularidade nacional com as conquistas de Gustavo Kuerten, o Guga. No ambiente aquático, também nos destacamos. Nomes como Robert Scheidt, Torben e Lars Grael, Gustavo Borges, Fernando Scherer, Thiago Pereira e César Cielo fizeram o Brasil ganhar destaque.

Na velocidade, não tem como se esquecer das manhãs de domingo ao som do hino nacional e Ayrton Senna no alto do pódio. Isto sem citar nomes como Emerson Fittipaldi, Nelson Piquet e Rubens Barrichello. Tomando a Fórmula-1 como parâmetro, Senna retomou o patriotismo brasileiro fora do ambiente futebolístico. Dentro dos ringues, podemos nos orgulhar de Maguila, Acelino Popó Freitas, Éder Jofre, entre novos nomes que surgem no octógono com as Artes Marciais Mistas (MMA).

Enfim, muitos são os atletas que fazem o Brasil ganhar destaque nacional e internacional. E estes esportes têm seguidores em todo o país. Contudo, o espaço dado para noticiá-los e debatê-los é limitado, o que leva, muitas vezes, à falta de popularidade.

Assim, tentamos trazer para o meio radiofônico na Internet notícias sobre os outros esportes, não só os que tinham os brasileiros como vencedores, mas informações sobre diversas modalidades que não possuíam o devido espaço. Com isto, provamos que é possível fazer um programa de esportes sem falar de futebol. Chantler & Harris ainda complementam que “a essência para um bem-sucedido programa de esportes é simples: um serviço de informações rápido, preciso e bem documentado”. (1998, p. 181)

Desta forma, o Jogo de Damas não pretende competir com a cobertura dada ao futebol, nem eliminá-la. Buscamos, além de informar, abrir espaço para que mais modalidades venham a despertar o interesse do público.



## **A mulher no jornalismo esportivo**

Dominadas financeira e socialmente pelo sexo masculino, as opções profissionais para as mulheres eram limitadas até metade do século XIX. No entanto, após o acesso à educação, não demorou muito para que elas tivessem visibilidade. No final do século XIX, as mulheres tiveram seus primeiros textos publicados. A inspiração veio da Europa, onde a mulher já tinha espaço no jornalismo alemão desde o começo do mesmo século, inclusive como chefe de redação. Assim, teve-se um aumento no número de leitoras, o que propiciou um espaço maior do público feminino no jornalismo. No entanto, a evolução feminina era limitada, pois algumas profissões eram predominantemente masculinas. O crescimento da mulher nas redações deu-se a partir da década de 70 e os assuntos não estavam restritos à moda e cultura. Nas décadas de 80 e 90, as mulheres migraram para novas editorias, entre elas estava o jornalismo esportivo.

No Brasil, esta inserção teve regras sociais como obstáculos. Porém, na década de 40, as mulheres começam a praticar futebol, fato que incomodou os mais conservadores. Contudo, o seu rendimento era contestado. Mas elas conquistaram o seu espaço no esporte, lugar que teve que ser garimpado no ambiente jornalístico, onde as notícias eram predominantemente masculinas. A prática do esporte faz com que elas estejam habilitadas para comentar as competições. No início, a participação delas era limitada a apresentarem propagandas e leitura de script. Nos anos 90, as mulheres começam a ganhar destaque no cenário esportivo. Poucas mulheres conseguem exercer o cargo de comentarista, muito relacionado ao preconceito dos colegas do meio e do contato com o público. Sabendo disto, sentiu-se a necessidade de tirar a mulher do papel de coadjuvante no cenário esportivo e colocá-la como protagonista, além de ser capaz de emitir opinião própria.

As mulheres começaram a trabalhar no radiojornalismo esportivo no ano de 1971, em São Paulo, na Rádio Mulher. A qual foi a primeira a ter uma equipe feminina nos esportes, transmitindo também futebol. A narração das partidas era responsabilidade de Claudete Troiano, os comentários de Leilah Silveira e as reportagens a par da dupla Germana Garili e Jurema Iara. Pode-se dizer que durante os primeiros quatro anos elas surpreenderam e revolucionaram o gênero esportivo no país. A primeira mulher a cobrir vestiários foi a jornalista Marta Esteves que não se intimidou com o machismo e nem com as desculpas. Inúmeras barreiras rodeiam o passado destas pioneiras como a dificuldade das entrevistas com os jogadores nos vestiários, conversa com os técnicos, mas o marketing neste esporte colaborou



com elas. Os patrocinadores passaram a exibir painéis em locais específicos facilitando o acesso feminino. Mudanças na própria sociedade como nos meios midiáticos ajudaram na ampliação deste mercado de trabalho, colaborando para a inserção feminina ainda mais no meio. [...] No Rio Grande do Sul o destaque na categoria foi na década de 60 para Eva Mendonça, conhecida como Evinha, mas ela não trabalhava diretamente na equipe esportiva se sim no departamento de notícias da Rádio Gaúcha. (BARBAT, 2010, p.19)

No ano de 1970, a Rádio Gaúcha, de Porto Alegre (RS), fez a primeira contratação de uma mulher para integrar o departamento esportivo da emissora. Rita Campus Daudt conseguiu uma vaga de repórter de campo logo no primeiro ano de faculdade, mas ainda enfrentava obstáculos com os atletas, que muitas vezes a ignoravam por se tratar de uma mulher. (PROVENZANO, 2009, p.7).

O esporte foi, e ainda é, um processo de infiltração lenta e progressiva, sem um discurso de contestação por parte das mulheres. Não houve, no esporte, um movimento feminino, menos ainda feminista, pela equalização do gênero, devido à ausência de um movimento contestador das esportistas brasileiras. (KNIJNIK e SOUZA, 2004, p. 9)

Logo, a participação feminina é fundamental no ambiente esportivo, sobretudo no meio radiofônico, quando, muitas vezes, é necessário o improvisado. Assim, como diz Barbat (2010), ocorre ainda a predominância masculina no meio esportivo, “mas a mulher vem galgando seu espaço e tentando descaracterizar essa diferenciação de gênero em relação a profissões”.

### **Jogo de Damas: as mulheres no esporte**

A Radioweb Unifra possui um programa esportivo, o Titular da Rede. No entanto, o seu foco, bem como sugere o nome, é o futebol. Porém, nas recentes competições disputadas, o Brasil tem obtido destaque em muitos outros esportes. O mesmo não ocorre dentro dos gramados. Assim, sentiu-se a necessidade de colocar os outros esportes em pauta. Outro aspecto que chamou a atenção das acadêmicas era o grande número de homens no ambiente radiofônico. As poucas mulheres que se interessavam por esportes ficavam condicionadas ao futebol.

Muito já se falou que mulher não entende de futebol, e elas mostraram que podiam discutir sobre o assunto de igual para igual com o sexo oposto. Não demorou muito para que a presença feminina no meio esportivo crescesse. No entanto, mais uma vez, o assunto eram os gramados. Para isto, sentiu-se a necessidade de mostrar que as



mulheres poderiam abordar e discutir outros esportes, não apenas o futebol. Com isto em mente, foi criado o esboço de um programa para ser veiculado na emissora. Este teria duração de uma hora e trataria das principais notícias do universo esportivo, menos do futebol.

Com o esboço em mãos, as acadêmicas apresentaram a proposta a um dos coordenadores da Radioweb Unifra. A aprovação veio junto com a urgência de colocar o programa ao ar. No entanto, ainda faltava um nome. Com a promessa de começar o programa na semana seguinte, as alunas se propuseram a formular uma lista com possíveis nomes que, de preferência, remetesse ao ambiente esportivo e que também destacassem a participação feminina. Jogo de Damas foi a primeira e única sugestão.

Assim como toda novidade, no início, o Jogo de Damas causou estranheza por parte da equipe do Titular da Rede. Mas não demorou muito para que as apresentadoras mostrassem que eram capazes de falar sobre esporte de maneira igualitária e participar de debates sobre o assunto no mesmo nível de compreensão.

Inicialmente, o programa foi ao ar uma vez por semana e gravado. Rodava em torno de nove músicas e contava com três locutoras (chegou a ter quatro). Com o passar das semanas, as apresentadoras que não se identificavam muito com o jornalismo esportivo saíram do programa, que ficou com duas âncoras. Após o período inicial, as locutoras ganharam confiança e passaram a apresentar o programa ao vivo, de segunda a sexta-feira, durante a cobertura das Olimpíadas de Londres 2012. Durante os dias do evento, o Jogo de Damas contou com a presença de apresentadores do Titular da Rede, que debatiam a rodada do futebol feminino e masculino na competição.

O formato ao vivo não foi a única mudança. A quantidade de músicas foi reduzida. Como o programa não era mais gravado, a dinâmica da apresentação facilitava o acréscimo de notícias e debates, sem deixar o ouvinte entediado. Assim, o Jogo de Damas passou a rodar três músicas por edição, sendo que, atualmente, o programa é dividido em três blocos de debates. No primeiro bloco, temos as principais notícias do mundo esportivo, menos do futebol, que são comentadas pelas locutoras. Em um segundo instante, é apresentado o *Acelera*. Este quadro trata exclusivamente sobre o universo do automobilismo. No último bloco de programa, é apresentado o *Nocautê*. Neste espaço, são discutidas as notícias do mundo das lutas. Os detalhes de cada bloco ainda serão abordados neste artigo. Outro ponto importante é a rotina de produção do programa, como tratamos a seguir.



## **A rotina de produção do programa**

O Jogo de Damas é veiculado todas as segundas-feiras, às 10 horas, na Radioweb Unifra. O programa tem duração de uma hora e trata sobre os assuntos esportivos do final de semana, bem como as notícias que tiveram destaque na imprensa durante a semana anterior. A partir delas, os assuntos são debatidos entre as apresentadoras. Com o passar do tempo, as locutoras sentiram a necessidade de diminuir a quantidade de músicas a fim de priorizar as notícias e o debate, sem deixar o programa apenas informativo.

No começo, o roteiro tinha cerca de 15 páginas. Sua distribuição era a seguinte: a cada quatro notas, uma música. Não havia uma divisão preestabelecida para a produção de notícias. Cada uma das apresentadoras buscava por informações sobre quase todas as modalidades esportivas. Neste período, havia somente um quadro fixo no programa, o *Acelera*. As acadêmicas se reuniam todos os domingos para a elaboração do script, e assim somavam o tempo das canções selecionadas e adaptavam as notícias conforme o tempo total, finalizando uma hora de programa.

Sobre o conteúdo, eram elaboradas notas sobre os assuntos esportivos do final de semana e os principais destaques da sexta-feira. E, eventualmente, alguma outra notícia da semana era postada no blog do programa. No mesmo período de criação do programa, foi organizado um blog, com o mesmo nome. Nele, algumas notas radiofônicas do Jogo de Damas eram adaptadas para o on-line. Se durante a semana houvesse acontecimento que se sobressaísse na imprensa, ele era divulgado no blog. Após o programa se tornar ao vivo, o número de páginas do roteiro foi reduzido para nove e eram rodadas apenas três músicas. Desta maneira, foi dado maior destaque para as discussões sobre os esportes que eram pautados no programa.

No início de 2013, foi criado o *Nocaute*, um quadro que trata do universo dos ringues. Para isto, foi disponibilizado um período maior para os debates, fazendo com que as músicas fossem excluídas do programa. Assim, o Jogo de Damas passou a ter um roteiro que varia entre sete e nove páginas e prioriza a mesa redonda, o debate sobre as notícias dadas no programa.

A proximidade das Olimpíadas fez com que as acadêmicas optassem por tornar o programa radiofônico diário no período dos jogos. O programa Jogo de Damas fez uma cobertura completa do evento e, para isto, foi aberta uma exceção para falar sobre o



futebol. Para isto, as meninas contaram com o apoio de integrantes do Titular da Rede, que faziam os comentários sobre o que acontecia dentro dos gramados.

O programa diário fez com que a rotina de produção fosse alterada. Durante 25 de julho a 12 de agosto de 2012, as acadêmicas faziam o acompanhamento diário das competições esportivas. As apresentadoras dividiam a produção de notícias por dois períodos: uma das locutoras assistia às competições na madrugada e pela manhã, enquanto a outra fazia a produção à tarde e início da noite.

### **Quadros do programa Jogo de Damas**

O Jogo de Damas possui dois quadros: o *Nocaute*, que trata sobre notícias dos ringues, e o *Acelera*, que mostra o universo do automobilismo. As notícias sobre os ringues sempre foram destaque no programa, mas este ano sentimos a necessidade de transformar os blocos em um quadro. Já o quadro *Acelera* existe desde o início do Jogo de Damas, mas sofreu algumas alterações com as mudanças feitas no programa.

#### ***Nocaute***

A cada dia, o Brasil e o mundo se rendem às Artes Marciais Mistas (MMA), ao Ultimate Fighting Championship (UFC) e às lutas em geral. O público aumenta e a imprensa brasileira e mundial produz cada vez mais notícias sobre o sucesso meteórico que é o UFC. A cada evento, são no mínimo vinte mil pessoas no local, e incontáveis telespectadores que compram pacotes de TV a cabo para ver os combates. É o esporte mais rentável do mundo, estimado em um bilhão de dólares.

A história do MMA, do Vale-Tudo e do UFC se confunde com a biografia da família Gracie. Grandes mestres do jiu-jitsu desafiavam competidores de outras lutas para provar quem era o melhor. Com o surgimento do UFC, o patriarca da família Gracie, Hélio Gracie, escolheu Royce para ser o representante brasileiro no combate.

Segundo Martinez (2011, p. 18):

O lutador foi o precursor da introdução e eficiência do Jiu-jitsu no mundo do Vale-Tudo profissional, foi também responsável pelo sucesso imediato do esporte no mundo e, ainda por cima, foi responsável direto pela criação de grandes campeões de hoje, como a estrela Anderson Silva, por exemplo.



No início, o UFC não tinha muitas regras, mas com o intuito de querer ganhar a visibilidade da TV os organizadores estabeleceram o regramento e conquistaram espaço nos Estados Unidos. O público aprovou o novo estilo de luta, que une todas em uma só, mesmo tendo especialistas em boxe, muaythai, jiu-jitsu e luta livre.

O Brasil é o país que tem os melhores lutadores do UFC, mesmo assim, é iniciante quando se diz respeito a conhecer e torcer pelo esporte. A transmissão em TV aberta de algumas lutas começou há pouco tempo e ganhou visibilidade do grande público com as transmissões da Rede Globo e as narrações de Galvão Bueno. No país em que a maioria dos meninos deseja ser jogador de futebol, hoje, alguns já querem ser lutadores de MMA, como os campeões do Ultimate, Anderson Silva, José Aldo e Renan Barão.

Anteriormente, as lutas faziam parte do Jogo de Damas como uma forma de somente informar, sem comentários das apresentadoras. No início do ano de 2013, foi criado o quadro chamado *Nocaute*, mudando a forma de apresentação das notícias sobre lutas.

O *Nocaute* procura apresentar as notícias de maneira simplificada. Mesmo com uma linguagem técnica que, muitas vezes, é utilizada, procuramos informar os significados de cada termo. Assim, familiarizando o ouvinte ao vocabulário do esporte. O quadro ocupa aproximadamente quinze minutos do programa. A maioria das informações é sobre UFC, mas também são destacados os lutadores da cidade de Santa Maria (RS).

### ***Acelera***

Quem tem mais de 30 anos sabe o que é acordar nas manhãs de domingo para ver um brasileiro disputando volta a volta com os melhores do mundo na Fórmula-1. Emerson Fittipaldi, Nelson Piquet e Ayrton Senna conquistaram oito títulos mundiais. Fittipaldi foi bicampeão, e Piquet e Senna tricampeões mundiais.

Em meio à crise financeira, Ayrton Senna provou que era possível sentir orgulho do Brasil. Mais uma vez, assim como o ocorrido na década de 70, o automobilismo tornou-se um refúgio para a população em meio a crises. Neste caso, o ápice do amor do brasileiro pela modalidade veio com Senna.



“Depois da morte de Senna, perdi o interesse pela Fórmula-1”. Esta frase possui muitas variações, mas com o mesmo significado. Após a morte do tricampeão, em 1º de maio de 1994, a população sentiu-se órfã e ficou menos motivada a acompanhar a categoria. No entanto, o Brasil voltou a fazer bonito nas pistas com Rubens Barrichello e Felipe Massa. Nenhum deles conseguiu o título mais importante da categoria (Massa quase conseguiu a façanha em 2008, quando Lewis Hamilton sagrou-se campeão na última volta), mas com as vitórias colocaram o nome do Brasil novamente entre os melhores do mundo.

Mas nem só de Fórmula-1 o Brasil brilhou no automobilismo. Muitos pilotos se destacaram na GP2, categoria de acesso à Fórmula-1, Nascar, Stock Car, Fórmulas Indy e Truck, entre outras. A morte de um dos seus maiores ídolos pode ter levado ao afastamento, mas o brasileiro ainda gosta de velocidade. Pensando nisso, aliado com a paixão de uma das apresentadoras pelo esporte, o Jogo de Damas, desde o início, tinha um quadro que falava só sobre automobilismo. O *Acelera* fala sobre as principais notícias do mundo da velocidade. Mas mesmo com o amor pelo automobilismo, assim como pelas lutas, as apresentadoras têm de se policiar, pois:

O jornalista esportivo pode torcer pelo clube de seu coração, mas se em algum momento isso transparecer no seu trabalho jornalístico, este trabalho estará prejudicado. [...] O homem do rádio esportivo deve se emocionar e passar essa emoção para seu público, mas, sabendo distinguir a paixão da emoção. (OSTERMANN *apud* FERRARETTO, 2001, p.318).

A produção das notícias resume-se a informar os fatos. O debate subsequente é feito em cima da informação passada. As notícias são retiradas dos principais portais do país, lidas e reescritas pelas apresentadoras.

No início, o *Acelera* tinha aproximadamente cinco das 15 páginas do roteiro, o que lhe rendia quatro blocos. Atualmente, ele possui três páginas distribuídas em 20 minutos de programa. Apesar da redução do número de páginas, aumentou o tempo ocupado no programa. Pois, quando gravado, o quadro não possuía o comentário de cada uma das apresentadoras, além do debate sobre a notícia.

Outra modificação no *Acelera* é que quando o programa era gravado, dentro do quadro tinha o “comentário da semana”. Neste, uma das locutoras fazia uma análise sobre os principais pontos da corrida do domingo anterior ou analisava a semana dos pilotos. No entanto, este comentário não ultrapassava dois minutos.



O *Acelera* ainda passou por outro período. Durante a cobertura das Olimpíadas de Londres, o quadro sofreu uma redução para dez minutos. Mas como o programa era diário, equivaleriam a 50 minutos por semana.

### **Considerações finais**

Fazer um programa que não tenha como foco principal o esporte mais amado em um país não é uma tarefa fácil. Mas consideramos que é possível, sim, produzir programa esportivo sem futebol no Brasil. O Jogo de Damas já possui um ano de atividade e é a prova disto. Existem inúmeras outras modalidades que, muitas vezes, não recebem o devido espaço por causa da hegemonia do futebol em terras brasileiras. Com isso, não consideramos que a paixão nacional deva ter seu espaço diminuído, apenas que uma nova cultura seja criada, a fim de debater os outros esportes.

Santa Maria (RS) ainda propicia este tipo de programa. Sim, temos dois clubes de futebol na cidade, o Riograndense Futebol Clube e o Esporte Clube Internacional de Santa Maria. Mas também temos destaque nas artes marciais, com vários projetos espalhados por escolinhas da cidade, o atletismo, que é desenvolvido desde o colégio, e o tênis, que é desenvolvido por clubes locais. Isto sem contar que o município conta com um autódromo que recebe, além do automobilismo, motocross, motovelocidade e trilha sobre rodas. No basquete, temos o Corinthians Atlético Clube, tradicional agremiação do basquete do Rio Grande do Sul e que já possui seis títulos estaduais. O vôlei da cidade ainda tem a Associação Voleibol Futuro (AVF), Vôlei União e Sociedade Concórdia Caça e Pesca (Socepe) como representantes.

No rugby e no futebol americano, também temos representantes com o Universitário Rugby Santa Maria (URSM) e o Soldiers, respectivamente. Nas lutas, temos nomes como Leandro Martins e Márcio Nogueira. Na canoagem, contamos com representantes, como os irmãos Gilvan e Givago Ribeiro. A Associação Santamariense de Handebol e o Margarida Lopes são nomes presentes no handebol. Além disto, esportes como padel, ciclismo e skate criam seguidores na cidade.

Logo, tantas equipes, modalidades e atletas merecem destaque no cenário esportivo, não só da cidade, mas no âmbito nacional e mundial. E foi justamente para abrir espaço na mídia para eles que surgiu o Jogo de Damas. Um projeto que não quer competir com a paixão nacional, apenas dar outras opções para os corações brasileiros baterem. Tudo isso feito via Internet, com transmissão pela Radioweb Unifra.



## Referências Bibliográficas

BARBAT, Ana Laura. **A participação feminina no radiojornalismo esportivo de Santa Maria**. Trabalho de Final de Graduação Unifra, Santa Maria, 2010.

CHANTLER, Paul & HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus. 1998.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; SOUZA, Juliana Sturmer Soares. **Diferentes e desiguais: Relações de gênero na mídia esportiva brasileira**. Disponível em <<http://nepaids.vitis.uspnet.usp.br/wp-content/uploads/2010/04/MIDIAGENEROESPORTE.pdf>>. Acesso em 23 de março de 2013.

LOPEZ, Ricardo Soares. **A informação no site www.futebolnarede.com: um exemplo de Webjornalismo esportivo**. 2008. 59f. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo. UNIFRA, Santa Maria.

MARTINEZ, André. **Heróis do Vale-Tudo**. Rio de Janeiro: Tatame, 2011.

PROVENZANO, Bruna. **A participação das mulheres no radiojornalismo esportivo no Rio Grande do Sul**. Centro Universitário Feevale, Novo Hamburgo, RS, 2009.

RIGHI, Anelise Farençena. **As donas da bola: inserção e atuação das mulheres no jornalismo esportivo televisivo**. Trabalho de Final de Graduação Unifra, Santa Maria, 2006.

SANTOS, Ana Célia; NOGUEIRA, Tiago. **Mídias sociais na Educação – inteligência coletiva entre docentes e discentes**. In: 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, Recife, 2009.

SILVA, Ygor Martins da; GUIMARÃES, Carlos Fábio Moraes. **Webjornalismo como alternativa para democratização do esporte no Brasil**. In: XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte. Palmas, 2012.

SILVA JR., José Afonso da. **A relação das interfaces enquanto mediadoras de conteúdo do jornalismo contemporâneo: agências de notícias como estudo de caso**. In: CONGRESSO NACIONAL DA COMPÓS, 11. Rio de Janeiro: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2002.